

Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_03/2017

Homilia no Dia da Universidade Católica

Braga, Sé Catedral, 05.fev.2017, 11h30

Universidade Católica, formação em movimento

A Igreja em Portugal celebra, neste Domingo, o Dia da Universidade Católica. Esta celebração representa o ponto de partida para uma reflexão, de todos os cristãos e comunidades, sobre a importância desta instituição de ensino. Somos convidados a colaborar com a nossa generosidade para que, nestes momentos conturbados da sociedade portuguesa, ela possa atingir os seus objectivos. De um modo ou de outro, todos recebemos muito da Universidade Católica. Na verdade, graças à formação e à investigação que promove, ela prossegue uma missão com notórias vantagens para a Igreja e para toda a sociedade.

Hoje é um dia de opções. Em primeiro lugar, para todos os funcionários, professores e colaboradores da Universidade. A vossa entrega, paixão e dedicação são elementos determinantes para o sucesso da instituição. Sem a vossa alma, a Universidade seria apenas um edifício frio e morto. Em segundo lugar, para todos os cristãos. O actual contexto cultural e social exige respostas sólidas para as razões da nossa fé. Assim, pede-se aos cristãos, de acordo com as suas possibilidades, que frequentem a Universidade Católica, que cresçam em sabedoria e se preparem adequadamente para servir o Reino de Deus.

Ajuda-nos a interiorizar esta ligação entre a Igreja Arquidiocesana e a Universidade Católica o Evangelho que acabámos de ouvir. A Igreja está presente no mundo com um estatuto próprio. Ela, e nela os cristãos, é sal que dá sabor à vida e luz que ilumina as nações.

Se esta missão de ser luz diante dos homens passa pelas boas obras, que manifestamos como testemunho de uma vida coerente com o Evangelho e ao serviço da comunidade, não podemos esquecer que a acção supõe e exige reflexão. Sempre foi assim. Mas, se no passado bastavam os gestos iguais e repetitivos, hoje sabemos que os desafios são diversificados e complexos e, por isso, exigem respostas qualificadas.

S. Paulo reconheceu o seu temor de anunciar em Corinto e reconheceu que a sua tarefa era exigente. Procurou fazer com que a sua palavra e pregação se baseassem “não na linguagem convincente da sabedoria humana” mas na “poderosa manifestação do Espírito Santo”. Mostrou-nos, sobretudo, como é necessária esta aliança entre a graça e o trabalho, o acolhimento do Espírito Santo que conduz a mergulhar nas profundidades do conhecimento humano. A vertente intelectual, enquanto esforço da razão, manifesta a Palavra de Deus quando se abre à invisível mão de Deus a age em favor dos homens.



Esta acção contemplativa, ou este estudo aberto ao transcendente, é o que a Igreja espera da Universidade Católica. Trata-se da competência intelectual que se alia ao transcendente para dar ao próprio conhecimento profundidade e coerência. Não necessitamos nem podemos envergonhar-nos da nossa originalidade. É, na verdade, esta originalidade que ainda fascina algumas pessoas intelectualmente honestas.

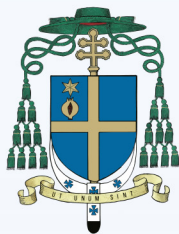
Sabemos que a fé cristã não é única referência de sentido num mundo marcado pela multiculturalidade. Sob a influência de múltiplos e variados factores, sobretudo a globalização e as novas vagas do fenómeno migratório, nasceu um pluralismo religioso e ideológico que não podemos ignorar. A Igreja Católica é hoje uma referência entre outras tantas. Perdeu em muitos aspectos a capacidade de dar forma e sentido à sociedade. Mas esta é também uma nova oportunidade para a Igreja se redescobrir. Importa, desde logo, que sejamos capazes de nos libertarmos de imagens românticas do passado, de tempos áureos, e encetarmos novos caminhos: uma Igreja pobre, simples, humilde mas também segura, evangelizadora e significativa. Este é o tempo do discernimento.

O Papa Paulo VI, preparando o ambiente teológico para o Concílio Vaticano II, usava uma expressão muito significativa: a Igreja deveria tornar-se “conversação”. Conversação é a resistência ao monólogo autoritário para abraçar a coragem de se sentar no mesmo banco do comboio da história e estabelecer um relacionamento igual, fraterno e inovador. Esta é, sem dúvida, uma condição preliminar para entrar em conversa com um mundo plural.

Se a Igreja deseja, de facto, transformar e dialogar com o mundo, apresentando humildemente o seu testemunho e as suas razões, ela deve permitir, de modo análogo, que o mundo incida nela e lhe lance desafios e interpelações. Mais do que nunca, a Igreja deve aprender a escutar os contemporâneos. Não serão, também eles, moradas onde a Verdade habita? Como são interessantes as palavras do Papa Francisco: “Como são belas as cidades que superam a desconfiança doentia e integra, os que são diferentes, fazendo desta integração um novo factor de progresso” (EG 210). Quando isto não é atingido, nascem comportamentos de superioridade que excluem e provocam a discriminação ou segregação. E estes, muitas vezes, conduzem à violência dos fundamentalismos ou ao medo de viver nesta sociedade plural.

Sabemos que a fé é um encontro pessoal com Deus feito homem, encontro esse que nos integra num profundo amor pela humanidade. A Universidade Católica, aberta ao acolhimento de todas as sensibilidades ideológicas ou religiosas, não pode deixar de ser este espaço que abre horizontes, levando a Igreja a ser sal e luz que se apresentam sem pressões nem imposições. Apenas neste horizonte a Universidade Católica poderá ser uma referência na formação dos cristãos e um catalisador da Igreja, dotando-a com capacidade de reposta eficaz e adaptada às necessidades de todos os grupos humanos.

Este diálogo dos saberes deve estar presente em todos os cursos promovidos na Católica e, de um modo proeminente, na Faculdade de Teologia. É um espaço que os cristãos deveriam estimar mais e reconhecer que nela não se preparam apenas os futuros sacerdotes mas está aberta a todos os leigos. Nela podem encontrar razões da fé e, sobretudo, compreender o modo de estarmos neste mundo novo. Mais do que nunca é imprescindível que o laicado na Igreja se torne adulto na compreensão



dos mistérios da fé para depois ser instrumento de anúncio com a atitude de quem conversa com o mundo, aprendendo e comunicando o que mais ninguém poderá oferecer.

Olho, neste Ano Mariano, para Maria, que conservava no seu coração as maravilhas de Deus, e peço-lhe que a Arquidiocese expresse um amor visível à Universidade Católica, ajudando-a a ser o que deve ser, aqui e agora, e aproveitando-a para uma formação que marque a vida de quem acredita.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*